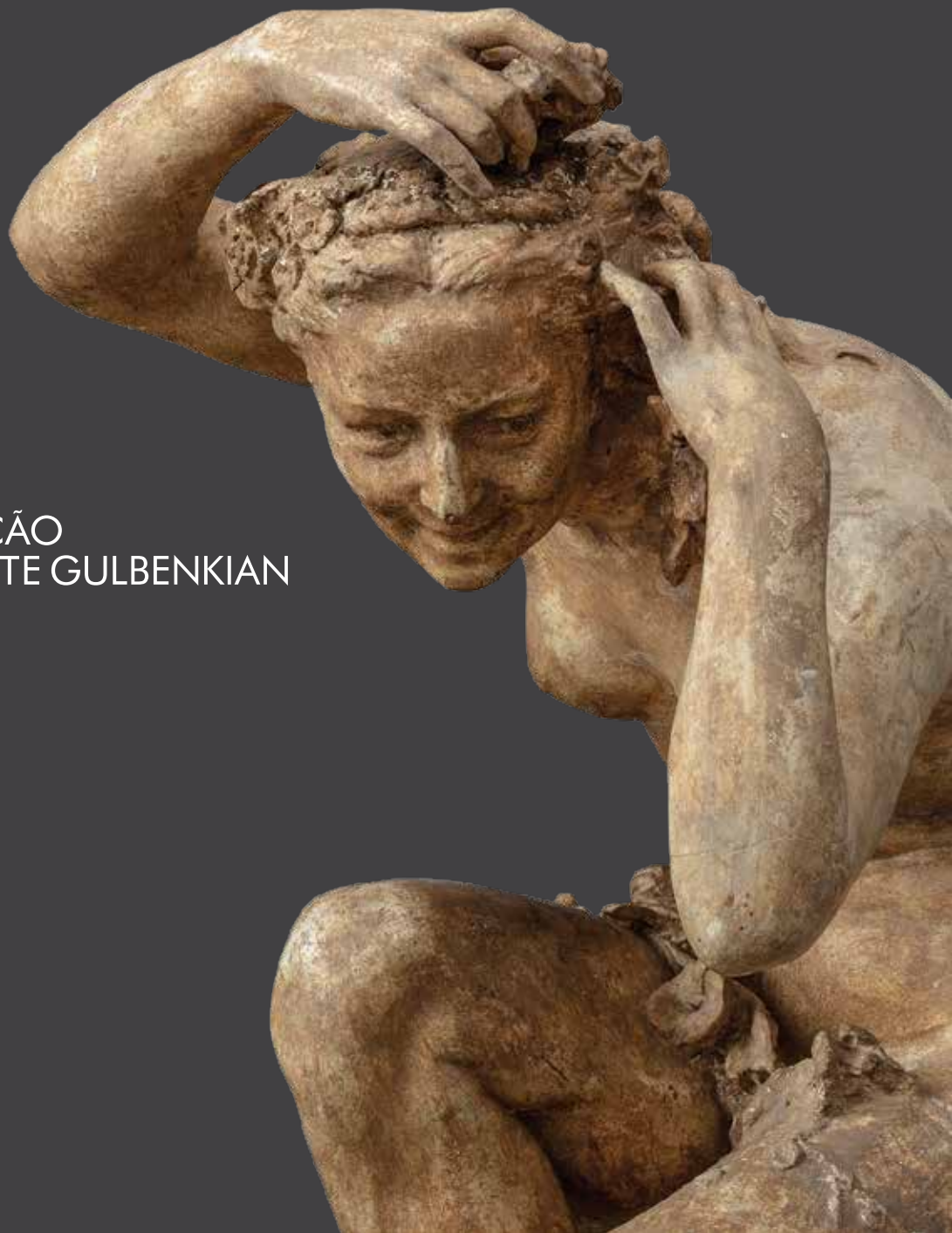
#203

Escultura em Paris no tempo de Rodin
Eça e os 130 anos d'*Os Maias*
Gulbenkian na Web Summit



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

—

novembro

Neste número

4
Fundação Gulbenkian na Web Summit
Quatro projetos inovadores concebidos, em maio, na maratona digital promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, vão ser levados à Web Summit. Da gravidez às doenças degenerativas, todos eles colocam a tecnologia ao serviço das pessoas.

© MÁRCIA LESSA

8
Na rua com histórias
Era uma vez… um projeto que leva histórias para a rua e para dentro de casa de pessoas que vivem isoladas, estórias que se partilham e se transportam, num simples tuk-tuk, pelos bairros históricos de Lisboa.

ASPETO DA EXPOSIÇÃO © RICARDO OLIVEIRA ALVES

14
Pose e variações
A grande exposição de inverno do Museu é também uma viagem à escultura no tempo de Rodin e à forma como as poses clássicas deram origem, por vezes, a reinvenções surpreendentes.

© FUNDAÇÃO EÇA DE QUEIROZ

17
Eça e os 130 anos d'*Os Maias*
Numa carta dirigida a Ramalho Ortigão, Eça de Queirós dizia que tinha metido, n'*Os Maias*, tudo o que tinha no saco. Na exposição que comemora os 130 anos da sua obra prima, abre-se esse saco e revisita-se a vida e a obra do autor.

Índice

RUI CHAFES, *AVEC RIEN*, 2018
© ALCINO GONÇALVES

18

Chafes e Giacometti juntos, em Paris

Neste encontro inédito entre dois escultores de épocas distintas, que são mais próximos do que se possa imaginar, a curadora Helena de Freitas fala da singularidade e da ousadia presentes na exposição *Gris, Vide, Cris*.

Notícias

4 Gulbenkian pela primeira vez na *Web Summit*
6 Club de Madrid reuniu-se em Lisboa
7 Reis da Bélgica na Fundação Gulbenkian
7 Prémio Helena Vaz da Silva 2018 distingue historiadora inglesa
8 Histórias que vão e vêm
10 Dia U para universitários
10 A Ciência é o teu futuro?
11 E as competências sociais e emocionais dos jovens?

Arte

12 Novas obras na Coleção Moderna

Exposições

14 Pose e Variações
16 Arte e Arquitetura entre Lisboa e Bagdade
17 Eça e os 130 anos d'*Os Maias*
18 Alberto Giacometti e Rui Chafes na Delegação em França

Música

20 Ibéria — música entre Portugal e Espanha

Ambientes

22 Ver com outros olhos

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#203 — NOVEMBRO 2018 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — JEAN-BAPTISTE CARPEAUX, FLORA, 1870 © NY CARLSBERG GLYPTOTEK, COPENHAGA. FOTO: ANDERS SUNE BERG / IMPRESSÃO — GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Gulbenkian estreia-se na Web Summit

A tecnologia ao serviço das pessoas. É com este espírito que a Fundação Gulbenkian leva, este mês, quatro projetos à Web Summit.

Como outras nove, a equipa foi chamada ao palco improvisado no Palácio dos Correios, no Porto, para apresentar o seu projeto. Ana Sousa, eleita porta-voz do grupo, tentava convencer o júri da 3.ª edição da maratona digital Hack for Good, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, a premiar o seu projeto – "um *add-on* para smartphone que permite, em 15 segundos, medir a variação da dinâmica pupilar e detetar doenças neurodegenerativas". Com o seu fervor, Ana não só convenceu o júri como levou para casa os 5000 euros correspondentes ao 1.º prémio do Hack for Good, obteve acesso direto ao Bootcamp onde continuaria a trabalhar e a promessa de, em novembro, chegar à Web Summit.
Desse início de maio até agora, Ana não descansou. Estudante de doutoramento em engenharia biomédica (tal com outros dois elementos da equipa; os restantes três são engenheiros informáticos), continuou a investigar e investir, a melhorar os algoritmos. Mudou o nome do projeto de Eye Brain para **New Hubert**, porque "havia muita coisa com *eye*, *brain* e neuro". "E porque este nome", acrescenta, "tem uma história: James Parkinson, o primeiro a trabalhar e a dar o nome à doença, tinha o pseudónimo de Old Hubert. Reformulámos o nome e usámos New Hubert, porque estamos a dar um novo olhar à doença." Parkinson é o primeiro alvo desta nova aplicação que, se tudo correr bem, poderá chegar ao mercado "daqui a dois anos, dois anos e meio". Para cumprirem o plano, esperam arranjar parceiros, clientes e investidores na Web Summit. Só depois, com a *app* já disponível para doentes de Parkinson, poderão alargar o âmbito da aplicação a outras doenças degenerativas, como a de Alzheimer ou a esclerose múltipla.

NEW HUBERT, O PROJETO VENCEDOR DO HACK FOR GOOD © D.R.

Aqui vou eu, para a Web Summit

Ana e a sua equipa não serão os únicos a ser levados, pela Fundação, até à maior conferência de tecnologias jamais realizada em Lisboa. À New Hubert juntam-se outros três destacados participantes no Hack for Good: Mynutriscan, LITMaker e Aurora.

A **Mynutriscan** (que se apresentou como Barcoders na maratona digital do Porto, onde arrecadou o 2.º lugar na competição) vai agora à Web Summit mostrar como um telemóvel pode ajudar pessoas (com doenças crónicas, alergias ou intolerâncias alimentares) a adaptarem o que encontram nas prateleiras de um supermercado à sua dieta pessoal.

A **LITMaker**, terceira classificada na Hack for Good do Porto, quer promover a educação tecnológica de crianças e jovens (dos 10 aos 14 anos) através de um *kit* "faça você mesmo" que permitirá aliar criatividade e pensamento lógico, promover o sentido de causa e consequência e a curiosidade pelas ciências da computação.

O único projeto fora do pódio do Hack for Good que vai à Web Summit chama-se agora **Aurora** e é uma aplicação que promete ajudar potenciais ou jovens pais a enfrentar as dúvidas e as angústias da gravidez e da primeira infância.

Da gravidez às doenças degenerativas, passando por uma alimentação saudável e personalizada e o acesso das crianças e jovens ao mundo da computação, são quatro os projetos apoiados pela Fundação Gulbenkian que estão a caminho da Web Summit.

Declaração de Lisboa

Um ano depois da conferência de alto nível sobre "Novas Perspetivas para a Inovação Social" (Fundação Calouste Gulbenkian, 27-28 de novembro de 2017), a Comunidade de Inovação Social tem pronto um documento a que chamou Declaração de Lisboa e no qual se encontram destacadas as dez prioridades a adotar, a nível europeu, na área da Inovação Social, entre 2021 e 2027.

A Declaração será apresentada, no dia 6, na Web Summit, e simbolicamente entregue ao Comissário Europeu Carlos Moedas, à ministra da Presidência e Modernização Administrativa, Maria Manuel Leitão Marques e à presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Isabel Mota.

Club de Madrid reuniu-se em Lisboa

© MÁRCIA LESSA

Reuniram-se, a 16 e 17 de outubro, na Fundação Calouste Gulbenkian, centena e meia de pessoas, entre as quais mais de 30 ex-chefes de Estado e de Governo de vários países democráticos dos quatro cantos do mundo, decisores políticos, especialistas, educadores, líderes juvenis e representantes do setor privado e da sociedade civil, para debater o tema "Educação para Sociedades Partilhadas".
O encontro foi organizado pelo *World Leadership Alliance – Club de Madrid* (WLA-Club de Madrid), instituição que sustenta que uma sociedade partilhada é aquela em que todos têm um sentimento de pertença e de responsabilidade partilhada, estando assim resguardados de dinâmicas de exclusão social, tensões intergrupais e violência. Acredita ainda que a Educação é um setor fundamental para promover essa coesão social e para diminuir os perigos de exclusão e elitismo.
O encontro teve por objetivo mobilizar a vontade política em torno da educação global, como forma de enfrentar os desafios que se colocam ao desenvolvimento das comunidades e ao bem-estar dos cidadãos.

Foram dois dias de palestras e debates. Entre os participantes, o ex-primeiro ministro e ex-Presidente da República Aníbal Cavaco Silva apelou a que, no quadro da descentralização de competências para as autarquias, "a escola seja assumida como centro da vida em comunidade", com envolvimento também das famílias, instituições e empresas. Por sua vez, o antigo presidente do governo espanhol Felipe González pôs a tónica no extraordinário momento histórico que estamos a atravessar, marcado por disrupções tecnológicas, políticas, económicas e de organização das sociedades e salientou a importância das humanidades "porque a palavra perdura", a importância de "perceber o outro" e ainda a importância de uma formação humanista para estruturar a "velocidade tecnológica".
As conclusões deste Diálogo serão apresentadas ao Comité de Direção Conjunta do E4SS, ao qual caberá produzir e lançar uma Agenda de Educação para Sociedades Partilhadas até 2019, assegurando assim a continuidade do projeto de um modo global.

Reis da Bélgica na Fundação Gulbenkian

© MÁRCIA LESSA

No segundo dia de visita oficial a Portugal, a 23 de outubro, os reis Mathilde e Philipe da Bélgica passaram pela Fundação Calouste Gulbenkian.
O Rei participou no seminário "Rumo a uma Economia Circular: Descobertas e Perspetivas Belgas e Portuguesas Sobre Resíduos e Água", debate que teve por objetivo registar os desenvolvimentos que ambos os países apresentam na área da sustentabilidade e perspetivar oportunidades de cooperação bilateral na transição para uma economia circular.
Mais tarde, os reis assistiram a um concerto do agrupamento belga Huelgas Ensemble, na presença do Presidente da República e do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian. Seguiu-se ainda um jantar nos espaços da Fundação.

Prémio Helena Vaz da Silva 2018 distingue historiadora inglesa

A historiadora, autora, editora e apresentadora de programas de televisão e de rádio Bettany Hughes foi escolhida pela unanimidade do júri como vencedora do Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a Divulgação do Património Cultural 2018.
Instituído em 2013 pelo Centro Nacional de Cultura (em cooperação com a Europa Nostra e o Clube Português de Imprensa e o apoio do Ministério da Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkian e do Turismo de Portugal), o Prémio distingue anualmente contribuições excecionais para a defesa, difusão e promoção do património cultural da Europa. Este ano, é destacado o trabalho de Bettany Hughes e a sua forma de, repetidamente, comunicar o passado de forma popular e entusiasmante.
Antes de Hughes, tinham já sido distinguidas personalidades como Claudio Magris, Orhan Pamuk, Jordi Savall e Wim Wenders.
Na cerimónia de entrega do Prémio (15 de novembro, na Fundação Calouste Gulbenkian), será também homenageado o projeto português vencedor do Prémio da União Europeia para Património Cultural/ Prémios Europa Nostra 2018, atribuído à reabilitação do Jardim Botânico do Palácio Nacional de Queluz.

Histórias que vão e vêm

Elsa Serra é contadora de histórias e fundadora do projeto Na Rua com Histórias – Uma Biblioteca para Todos, que tem apoio da Fundação Gulbenkian, na área da coesão e da integração social, e de uma vasta rede de instituições.

A paixão de contar histórias "vem desde criança", de quando as contava às bonecas e gostava de ler em voz alta na escola. Estudou e fez teatro, mas foi com os ateliês de escrita criativa e o nascimento do primeiro filho que Elsa encontrou a sua vocação e iniciou o seu percurso como contadora de histórias.
Habitante da zona histórica de Lisboa, teve uma livraria durante dois anos onde "contava histórias diferentes todos os fins de semana" e isso obrigou-a "a aprender e descobrir um público heterogéneo, desde os bebés aos adultos e avós". Daí foi um passinho até o Na Rua com Histórias tomar forma. "Este projeto surgiu na minha cabeça em 2013, a pensar nas crianças", conta Elsa, enumerando problemas sociais como a iliteracia que conseguiu identificar junto das escolas. "A ideia era levar as histórias para a rua, daí o nome". Mais tarde, uma artrose que a obrigou a fechar-se em casa fê-la equacionar a questão do isolamento social e o objetivo passou a ser outro: "chegar a toda a gente".

Literatura sobre rodas

Cinco anos depois, a Biblioteca para Todos – um tuk-tuk elétrico transformado em biblioteca itinerante, que percorre os bairros históricos de Alfama, Castelo, Graça, São Vicente e Mouraria, com rotas semanais fixas – está na rua. Ao fim de cinco meses, já tem cerca de 300 leitores inscritos que fazem uma média de oito requisições por dia, com tendência para preferir os livros de ficção ou literatura infantil. Qualquer pessoa se pode tornar leitora, bastando para isso fornecer alguns dados pessoais, como o nome, número de identificação e correio eletrónico. Uma parceria com a Associação Conversa Amiga tem também permitido chegar às pessoas sem-abrigo, num esforço para promover hábitos de leitura e inclusão social.
Além de permitir o acesso a livros, a biblioteca organiza igualmente várias atividades dentro e fora de portas. As sessões de leitura – planeadas ou espontâneas – são uma delas. A esse respeito, Mónica Pereira, uma das colaboradoras do projeto, conta-nos um episódio recente sobre "uma turista francesa que não percebia nada de português" e veio à biblioteca "pedir para lhe ler Fernando Pessoa. Disse que gostava de ouvir os sons da língua e que a mãe era muito fã de Pessoa". Para Mónica e Elsa, estes têm sido alguns dos momentos mais gratificantes do projeto.

© MÁRCIA LESSA

© MÁRCIA LESSA

Ler Doce Ler

Dentro de portas, organizam-se também visitas às escolas, aos centros de dia e ao domicílio. Estas últimas ocorrem desde há dois anos, com a ajuda de instituições como a Junta de Freguesia de Santa Maria Maior ou a Voz do Operário, que sinalizam os potenciais destinatários: pessoas idosas, que estão sós ou com mobilidade reduzida. Depois de inscritas, uma equipa de dois voluntários desloca-se semanalmente às suas casas para uma hora de leitura e conversa, em que o objetivo, segundo Elsa, é "proporcionar, através dos livros, das histórias deles e das nossas, momentos bons". Até hoje, mais de 22 pessoas já usufruíram do programa Ler Doce Ler, graças a uma rede de quase 30 voluntários.
Quando paramos no Largo da Graça à sexta-feira à tarde e assistimos à sessão de leitura para os idosos do centro de dia da Voz do Operário, percebemos que os livros aqui são sobretudo um pretexto para a partilha. "Não são só as nossas histórias que vão até eles, as deles também chegam até nós", diz Elisa Tavares, a terceira colaboradora do projeto. E é por isso que, logo depois de ler a primeira frase do livro *Irmão Lobo*, de Carla Maia de Almeida, "Durante algum tempo julguei que estava apaixonada pelo Kalkitos", a leitora pergunta: "Quem é que aqui se lembra da primeira vez que esteve apaixonado?" e, um a um, cada ouvinte tem a oportunidade de trazer um pouco da sua história para o grupo.
Elsa diz que o projeto "ainda tem um caminho a percorrer", mas tenciona continuar a levar e a recolher histórias pela cidade, com a iniciativa, também recente, Histórias que Somos, que quer dar voz às memórias das pessoas que habitam no centro de Lisboa. No *site* do projeto já é possível ouvir, contadas na primeira pessoa, as histórias do casal Esperança, da D. Elisa, da D. Amélia e da D. Matilde.

naruacomhistorias.pt.

Dia U para universitários

A 14 de novembro, a Fundação dedica o dia aos estudantes universitários. O programa, recheado de surpresas, foi pensado em colaboração com a Associação Gerador.

O dia promete conversas, retratómatos, oficinas, *underground sketching*, visitas aos bastidores da Música, do Museu, da Biblioteca e do Jardim, consultas de musicoterapia (com os doutores Noiserv, Hélio Morais e Samuel Úria) e ainda *speed dating* com todo o tipo de pessoas da Fundação. Tudo isto e muito mais nesta viagem ao interior da Gulbenkian, em que o único requisito para a entrada ser gratuita é ter cartão de estudante.
As visitas e atividades começam às 14h30, com a participação de muitos daqueles que fazem parte do dia a dia da Fundação, desde os músicos da Orquestra aos guardiões do Jardim. Para terminar, a artista Surma fecha o dia em grande com um concerto de música eletrónica e pop experimental, às 21h, na Coleção Moderna.

A Ciência é o teu futuro?

A pensar também nos estudantes de licenciatura e de mestrado na área de ciência e tecnologia, o Instituto Gulbenkian de Ciência, em Oeiras, estará de portas abertas no dia 22, entre as 10h e as 17h.

A Ciência é o teu futuro? ou *Dia Aberto para o Ensino Superior* é um programa dedicado aos estudantes que querem seguir uma carreira científica ou trabalhar num instituto de investigação científica. Palestras sobre as diferentes áreas de investigação do IGC, mesas-redondas onde se pode saber mais sobre os programas de formação, as carreiras na área da ciência e sobre a tecnologia que está por trás da ciência, são algumas das propostas do dia. Os visitantes podem optar por visitar os laboratórios e fazer *speed-dating* com os cientistas do IGC. A entrada é gratuita e não necessita de inscrição prévia.

Informações: http://bit.ly/DAEnsSup18

E as competências sociais e emocionais dos jovens?

A Fundação Gulbenkian financia estudo inédito, a realizar pela OCDE até 2020.

A presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, o ministro da Educação e o presidente da Câmara Municipal de Sintra assinaram, no dia 19 de outubro, um protocolo de cooperação com vista à realização de um estudo inédito sobre competências sociais e emocionais nas cidades.
O estudo, que será levado a cabo pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), incidirá sobre comunidades escolares de cidades tão díspares quanto Otava, no Canadá, Bogotá, na Colômbia, Roma, em Itália, Helsínquia, na Finlândia, Moscovo, na Rússia e Suzhou, na China, entre outros. Em Portugal, a OCDE avaliará as competências socioemocionais de crianças e jovens do município de Sintra. A conclusão do estudo, cofinanciado em partes iguais pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Câmara Municipal de Sintra, está prevista para dezembro de 2020.
De acordo com a OCDE, as competências sociais e emocionais têm influência no sucesso escolar, na capacidade de transição da escola para o mercado de trabalho, na satisfação laboral, na saúde física e mental, no nível de envolvimento cívico, participação em ações de voluntariado e integração social, nas taxas de prevalência do crime e outros comportamentos antissociais e, globalmente, no bem-estar. Crianças com mais competências sociais e emocionais têm tendência para ter melhores notas, melhores empregos, salários mais elevados, maior longevidade e menos comportamentos violentos ou criminosos.
Para desenvolver esta ferramenta, a organização vai avaliar 15 competências, de cinco grandes domínios: capacidade de realização; regulação emocional; colaboração; abertura de espírito; relação com os outros; e um sexto domínio, que abarcará competências combinadas. Cada domínio albergará várias competências, nomeadamente responsabilidade, persistência, autocontrolo, resistência ao stress, empatia, confiança, tolerância, curiosidade, energia, assertividade ou pensamento crítico.

Mais informação sobre o estudo em:
www.oecd.org/education/ceri/thestudyonsocialandemotionalskills.html

Novas obras na Coleção Moderna

A Fundação Calouste Gulbenkian adquiriu recentemente um conjunto de obras de arte que vai passar a incorporar a Coleção Moderna do Museu. Estão previstas mais aquisições até ao final do ano.

OBRA *S/TÍTULO*, 1971, DE JOSÉ DE GUIMARÃES NA EXPOSIÇÃO *PÓS-POP. FORA DO LUGAR COMUM* © CARLOS AZEVEDO

Este ano, a Fundação Gulbenkian adquiriu já cerca de meia centena de obras de artistas portugueses: José de Guimarães, Teresa Magalhães, Ernesto de Sousa, Manuel Baptista, Ângela Ferreira, Silvestre Pestana, Manuel João Vieira, Ivo, Fernando Brito, Jorge Barradas, Paulo Catrica, Ana Jotta, Miguel Soares, Luísa Jacinto e Grada Kilomba. Entre estas obras contam-se, por exemplo, o relevo recortado de Teresa Magalhães e dois trabalhos de José de Guimarães, exibidos na exposição *Pós-Pop. Fora do lugar-comum*, patente na Galeria Principal da Sede até ao mês passado. Foram também comprados três trabalhos ao artista Kiluanji Kia Henda.

Nos últimos cinco anos, a Fundação despendeu cerca de **2,5 milhões de euros** em obras de arte para a sua Coleção Moderna, a larga maioria de artistas nacionais.

Anualmente, a Fundação Gulbenkian destina meio milhão de euros para a compra de obras de arte. As aquisições dão-se no quadro da sua política institucional de apoio à criação dos mais jovens artistas portugueses. Decorre também de um trabalho de investigação dos curadores da Coleção Moderna do Museu, em conjunto com a direção, que tem procurado identificar e colmatar lacunas na coleção relativamente a artistas e períodos artísticos.

O acervo da Coleção Moderna reúne atualmente cerca de 11 300 peças desde o final do século XIX, séculos XX e XXI, de mais de 1200 artistas e, parte dele, encontra-se exposto em permanência no Edifício da Coleção Moderna, sendo apresentado de um modo dinâmico, com renovações frequentes, de modo a possibilitar novas leituras da Coleção.

Como sempre foi prática na instituição, são também adquiridas e, consequentemente, incorporadas na Coleção, obras apresentadas no âmbito da programação de exposições temporárias do Museu

LUÍSA JACINTO © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN — COLEÇÃO MODERNA / FOTO: CARLOS AZEVEDO

Calouste Gulbenkian. É o caso, por exemplo, das obras de André Guedes (exposição *Prospecto, Cena III*, *Intervalo e Cena IV*, 2014), Miguel Ângelo Rocha (*Antes e Depois*, 2015), António Ole (*Luanda, Los Angeles, Lisboa*, 2016), Manuela Marques (*A face escondida do sol*, 2017), Maria José Burki (*Às Vezes Sombra, às Vezes Luz*, 2017) e Emily Wardill (*Matt Black and Rat*, 2017).

Um grande número de obras ultimamente adquiridas integrou a última apresentação da Exposição Permanente da Coleção Moderna. Atualmente, entre outras, podem ser vistas as pequenas esculturas em bronze de Ana Jotta, *Mesa* de Claire de Santa Coloma, a escultura *Pending* de Diogo Pimentão e a obra *Floor Painting* de Carlos Bunga, adquiridas em 2017, ou ainda a obra *Upa! União dos Povos de Angola*, de Miguel Palma.

As aquisições são avaliadas por uma comissão consultiva constituída por Raquel Henriques da Silva, Manuel Costa Cabral, Lúcia Almeida Matos e Nuno Faria.

Pose e Variações

Uma sedutora viagem pela escultura do século XIX francês a partir do magnífico conjunto de obras das coleções de Carl Jacobsen e Calouste Sarkis Gulbenkian.

Ao longo dos cinco núcleos que compõem a exposição, mostra-se como as poses clássicas deram origem, por vezes, a reinvenções surpreendentes.
No primeiro núcleo, dedicado à **Ausência de pose**, as crianças surgem como uma fonte de inspiração natural, fornecendo aos artistas um reportório significativo de formas e movimentos. No século XIX, o ensino artístico, baseado no desenho a partir de esculturas antigas ou de modelos vivos, não contemplava crianças, pelo que os artistas abordaram o motivo com um olhar quase "puro".
O segundo núcleo, **A figura acocorada**, revisita alguns exemplos marcantes deste tipo de pose, como a *Flora* de Carpeaux, uma figura inspirada num modelo vivo, que se mostra e se esconde, num evidente jogo de conotação sexual. Algumas obras deste núcleo estabelecem uma relação ousada com esta tradição, como é o caso de *Mulher Acocorada* de Rodin, que representa uma figura absorta em estado de transe, quase primitiva.
O conjunto de esculturas escolhidas para ilustrar o terceiro núcleo, **Maternidade**, mostra como o tema do sentimento maternal esteve presente na arte francesa da década de 1870. Marcadas pelo contexto político, social e religioso, e inspiradas pelos mestres do passado ou pela experiência pessoal dos escultores, estas representações testemunham a capacidade dos artistas em propor uma visão inteiramente nova de uma iconografia antiga.

ASPETO DA EXPOSIÇÃO © RICARDO OLIVEIRA ALVES

ASPETO DA EXPOSIÇÃO © RICARDO OLIVEIRA ALVES

As **Figuras entrelaçadas** constituíram uma fonte de inspiração inesgotável na história da arte, como provam algumas obras deste quarto núcleo. Em *A Eterna Primavera*, aqui exposta, Rodin retoma, cerca de um século depois, a célebre *Psique Reanimada pelo Beijo do Amor*, de Antonio Canova.
As composições de Rodin contribuíram decididamente para a explosão da sensualidade na escultura e evoluíram, com o tempo, para formas verdadeiramente ousadas e originais.
Finalmente, apresentam-se algumas obras inesperadas que ilustram o tema intemporal da **Figura de pé**, parada ou em movimento. Se o *Apolo* de Houdon, realizado em 1790, constitui um exemplo evidente de inspiração clássica na pose, no tema e no estilo, *A Idade do Bronze*, de Rodin, incorpora um desafio de modernidade na interpretação idealista deste género escultórico.

POSE E VARIAÇÕES
Escultura em Paris no tempo de Rodin

Curadoria: Luísa Sampaio

Edifício Sede – Galeria Principal

Até 4 fev 2019

ATIVIDADES PARALELAS

À conversa com a curadora Luísa Sampaio
Quarta, 21 de novembro, 15h

À conversa com Julião Sarmento e Rui Sanches
Sexta, 30 de novembro, 17h
Moderação de Penelope Curtis

Visitas orientadas
Sábados, 10 e 24 de novembro, 15h
Sexta, 16 de novembro, 17h

Conferência por Lúcia Matos
Rodin era o ídolo da juventude escolar
Quarta, 5 de dezembro, 18h

Arte e Arquitetura entre Lisboa e Bagdade

ASPETO DA EXPOSIÇÃO © D.R.

Esta exposição conta a história da intensa presença da Fundação Gulbenkian no Iraque, entre 1957 e 1973, que se traduziu no subsídio à construção e equipamento de mais de uma centena de escolas, universidades, hospitais e museus, no apoio a centenas de bolseiros e também na aquisição direta de trabalhos a artistas iraquianos.
A mostra destaca duas obras de grande envergadura construídas de raiz pela Fundação, durante este período: o Modern Arts Centre em Bagdade (conhecido por Gulbenkian Hall), e o Estádio do Povo (Al-Sha'ab), um grande complexo desportivo que se tornou uma referência no Médio Oriente. O eixo central desta exposição é a organização da Semana Cultural Gulbenkian em Bagdade, em novembro de 1966, e que coincidiu com a inauguração deste estádio.
O público tem a oportunidade de ver, pela primeira vez, na sua quase totalidade, o raro núcleo de arte moderna iraquiana do Museu Calouste Gulbenkian, composto por obras de artistas como Dia Al-Azzawi, Hafidh Al-Droubi ou Rafa Nasiri.
Com curadoria de Patrícia Rosas e Ricardo Agarez, esta exposição é um projeto de colaboração entre o Museu Calouste Gulbenkian e a Biblioteca de Arte e Arquivos Gulbenkian.

ARTE E ARQUITETURA ENTRE LISBOA E BAGDAD
A Fundação Calouste Gulbenkian no Iraque, 1957-1973
Curadoria: Patrícia Rosas e Ricardo Agarez

Galeria do Piso Inferior – Espaço "Conversas"
Museu Calouste Gulbenkian

Até 28 jan 2019

Eça e os 130 anos d'*Os Maias*

Fotografia, pintura, escultura, música e filmes, caricaturas, cartas, crónicas, peças do espólio pessoal mostradas pela primeira vez em Lisboa… Senhoras e senhores, dá-se a palavra a Eça de Queirós.

O ano de 1881 tinha apenas começado e, de Bristol, Inglaterra, José Maria d'Eça de Queirós escrevia ao seu amigo Ramalho Ortigão contando que tinha "o romance praticamente pronto". Decidira fazer "não só um 'romance', mas **um romance em que pusesse tudo o que tenho no saco**".
O romance – essa "*vaste machine*" (vasta máquina) "com proporções enfadonhamente monumentais de pintura a fresco, toda trabalhada em tons pardos, pomposa e vã" – que em 1881 estava praticamente pronto, só veria a luz do dia em 1888, sob o nome de *Os Maias. Episódios da Vida Romântica*. A crítica foi feroz, mas a eventuais ofensas Eça respondeu sempre com humor. Nas bancas, os cinco mil exemplares publicados também não deslumbraram. Só no século XX foram *Os Maias* reconhecidos como a obra-prima de Eça e como um clássico da literatura em língua portuguesa.
Cento e trinta anos depois da sua publicação, a Fundação Gulbenkian abre a porta para que se possa ver tudo o que Eça trazia no saco. *Os Maias* serão o eixo central da mostra, mas à sua volta, hão de gravitar outras obras do autor. Serão mostrados crónicas, romances, contos e muitas cartas, fotografias, pinturas, caricaturas, escultura, gravura, música da época e excertos de filmes, bem como objetos do seu espólio pessoal guardados na Casa de Tormes (propriedade da Fundação Eça de Queiroz) e nunca antes mostrados em Lisboa, como é o caso da secretária pessoal onde Eça escrevia, de pé, e a cabaia chinesa que lhe foi oferecida pelo Conde de Arnoso. Poderá ver muitas outras peças que remetem para a geografia física e ficcional daquele que falava de si dizendo ser "apenas um pobre homem da Póvoa de Varzim".
Uma exposição, organizada em colaboração com a Fundação Eça de Queiroz, que revisita a obra e uma vida cheia de humor, caricatura, realismo e ironia, sonhos e imagens de outras paragens. A ver, até 18 de fevereiro.

© FUNDAÇÃO EÇA DE QUEIROZ

TUDO O QUE TENHO NO SACO
EÇA E OS MAIAS
Curadoria: Isabel Pires de Lima

Edifício Sede – Galeria do piso inferior

30 nov 2018 a 18 fev 2019

Alberto Giacometti e Rui Chafes
Exposição na Delegação em França

ASPETO DA EXPOSIÇÃO © SANDRA ROCHA

"Ousada e singular". Assim classifica a curadora Helena de Freitas a exposição que junta obras de Alberto Giacometti e de Rui Chafes, num encontro inédito entre dois escultores de épocas distintas, mas que são mais próximos do que a linguagem formal de cada um nos pode fazer imaginar. A mostra, que conta com o apoio da Fundação Alberto e Annette Giacometti, tem levado muito público à Delegação da Fundação Gulbenkian em França, onde estará aberta ao público até 16 de dezembro.
Helena de Freitas, que em 2016 comissariou a retrospetiva de Amadeo de Souza-Cardoso no Grand Palais, também em Paris, fala sobre este projeto, que considera ser um dos mais desafiantes da sua vida.

Como surgiu a ideia desta exposição?
Surgiu-me sem esforço e partiu do conhecimento que tinha do trabalho de Rui Chafes e de Alberto Giacometti. Foi o primeiro projeto em que pensei, logo que soube que iria trabalhar na Delegação da Gulbenkian em Paris. Interessou-me pensar esta curadoria como uma pesquisa e um território de imagens a explorar sobre a intemporalidade, o vazio, a desmaterialização que ambos os artistas desenvolvem a partir de materiais e processos opostos. Foi esse o ponto de partida e essa tensão de contrários que me agradou e me pareceu desde o início que abriria um caminho inesperado e traria algo de novo. Um caminho de construção.

A que se refere o título da exposição *Gris, Vide, Cris*?
Encontrei estas palavras num poema de Alberto Giacometti, "La Peur, La mort ondulée claire", de 1931. São palavras de medo e de morte, difíceis de ouvir e de pronunciar, que evocam o ambiente e a atmosfera da exposição. São também o recurso literário que nos transporta para um espaço sensível onde o corpo se relaciona com as esculturas. Utilizar as palavras de Alberto Giacometti é um modo de se ser conduzido poeticamente por ele.

Que tipo de diálogo é estabelecido entre os dois artistas nesta mostra?
Tenho defendido a ideia de um encontro, já que a palavra diálogo poderia sugerir uma relação prévia. Os artistas não se cruzaram, Rui Chafes nasceu exatamente no ano da morte de Giacometti, em 1966. É curioso verificar como em francês, *rencontre*, integra a palavra *contre*. Foi esse o modelo de aproximação a que chegámos, assumindo o potencial de criação de universos formais opostos: cinza, bronze e rugoso em Giacometti, negro, ferro e liso em Rui Chafes.

De que modo a emoção cúmplice entre os dois é sugerida ao visitante?
Rui Chafes permite uma aproximação única à obra de Giacometti, dirigindo-se à pesquisa essencial deste escultor: ver, ver o invisível e representar o irrepresentável. A cumplicidade dos artistas vemo-la no encontro físico e direto das obras que nos interrogam: como atingir, a partir da matéria, o ponto de imaterialidade e de transcendência? Como representar o que se vê para além dos olhos? Em *La Nuit*, Rui Chafes responde ao desafio que lhe foi colocado pela Fondation Giacometti e constrói uma escultura onde a obra *Le Nez* de Giacometti está suspensa; é neste encontro que a exposição se galvaniza. Emoção é uma palavra certa.

Disse que este tinha sido um dos projetos mais desafiantes da sua vida. Porquê?
Foi desafiante logo à partida porque nada estava garantido e parecia mesmo roçar o impossível. Desde logo pela dificuldade em obter empréstimos relevantes, de instituições credíveis, que permitissem a sua concretização no nível de exigência que se impunha. Não era evidente esse acordo museológico para uma exposição que colocaria lado a lado um artista gigantesco, situado no cume da montanha da consagração internacional, e um escultor contemporâneo que, apesar de uma carreira internacionalmente consistente, era quase desconhecido em Paris. E esse foi também um território a conquistar, num palco como Paris, com instituições de grande prestígio como a Fondation Giacometti, onde o patamar de apresentação é muito elevado e o nível de exigência absoluto. Foi fundamental o trabalho em rede que a Delegação Gulbenkian em Paris já havia adquirido com os seus parceiros em França.
O desafio foi sobretudo artístico e intelectual, muito especialmente para Rui Chafes, que o aceitou com inquietação e coragem, num processo arriscado de construir o que considero ser uma exposição ousada e singular.

Como é que o público francês tem reagido a esta mostra?
Não desejamos consensos, que são sempre de desconfiar. Mas a verdade é que público tem reagido com surpresa e admiração. Temos recebido comentários excecionais, sobretudo da parte de dirigentes e responsáveis de museus e instituições artísticas.

ASPETO DA EXPOSIÇÃO © SANDRA ROCHA

Ibéria
Música entre Portugal e Espanha

Um fim de semana (24 e 25) para descobrir um património inestimável que une os dois países ibéricos, numa colaboração inédita com a Fundación Juan March.

PIERRE HANTAI © PHILIPPE MATSAS

PIERRE HANTAÏ
Grande Auditório
Sábado, 24 novembro, 16h

Cabe ao cravista francês Pierre Hantaï a abertura deste pequeno ciclo, apresentando obras de compositores portugueses e espanhóis do século XVI ao século XVIII, como Antonio Cabézon, Pedro de Araújo, Juan Cabanilles, Carlos Seixas e ainda do italiano Domenico Scarlatti.

MÚSICA IBÉRICA: RECUPERAÇÃO E APRESENTAÇÃO
Mesa-redonda
Auditório 3
Sábado, 24 novembro, 18h

Sessão moderada pelo musicólogo Miguel Ángel Marín, responsável pela programação deste ciclo, com a presença do violinista Cibrán Sierra, do maestro Pedro Teixeira e ainda do contratenor Carlos Mena.

CUARTETO QUIROGA
JONATHAN BROWN
Grande Auditório
Sábado, 24 novembro, 19h

O violetista do Cuarteto Casals, Jonathan Brown, junta-se ao Cuarteto Quiroga para dar a ouvir um programa que vai evidenciar a originalidade dos sons ibéricos de Jose Palomino e de Almeida Mota. É também interpretado o quarteto em Dó maior Hob. III.72 de Haydn.

ANA QUINTANS E CARLOS MENA © D.R.

ANA QUINTANS
CARLOS MENA

Grande Auditório
Domingo, 25 novembro, 16h

A soprano portuguesa Ana Quintans e o contratenor espanhol Carlos Mena apresentam um programa de música barroca, intitulado *Meandros Musicais do Tejo*, onde se destacam as cantatas e duos do compositor e poeta Jaime de la Té y Sagáu, considerado um dos segredos mais bem guardados da música ibérica.

HISTÓRIA DA RELAÇÃO MUSICAL ENTRE PORTUGAL E ESPANHA
Mesa-redonda

Auditório 3
Domingo, 25 novembro, 18h

Conversa moderada por Rui Vieira Nery com a participação do diretor artístico do Ludovice Ensemble, Fernando Miguel Jalôto, e da musicóloga e crítica musical, Cristina Fernandes.

CORO GULBENKIAN © MÁRCIA LESSA

CORO GULBENKIAN
ROSA IMMACULATA

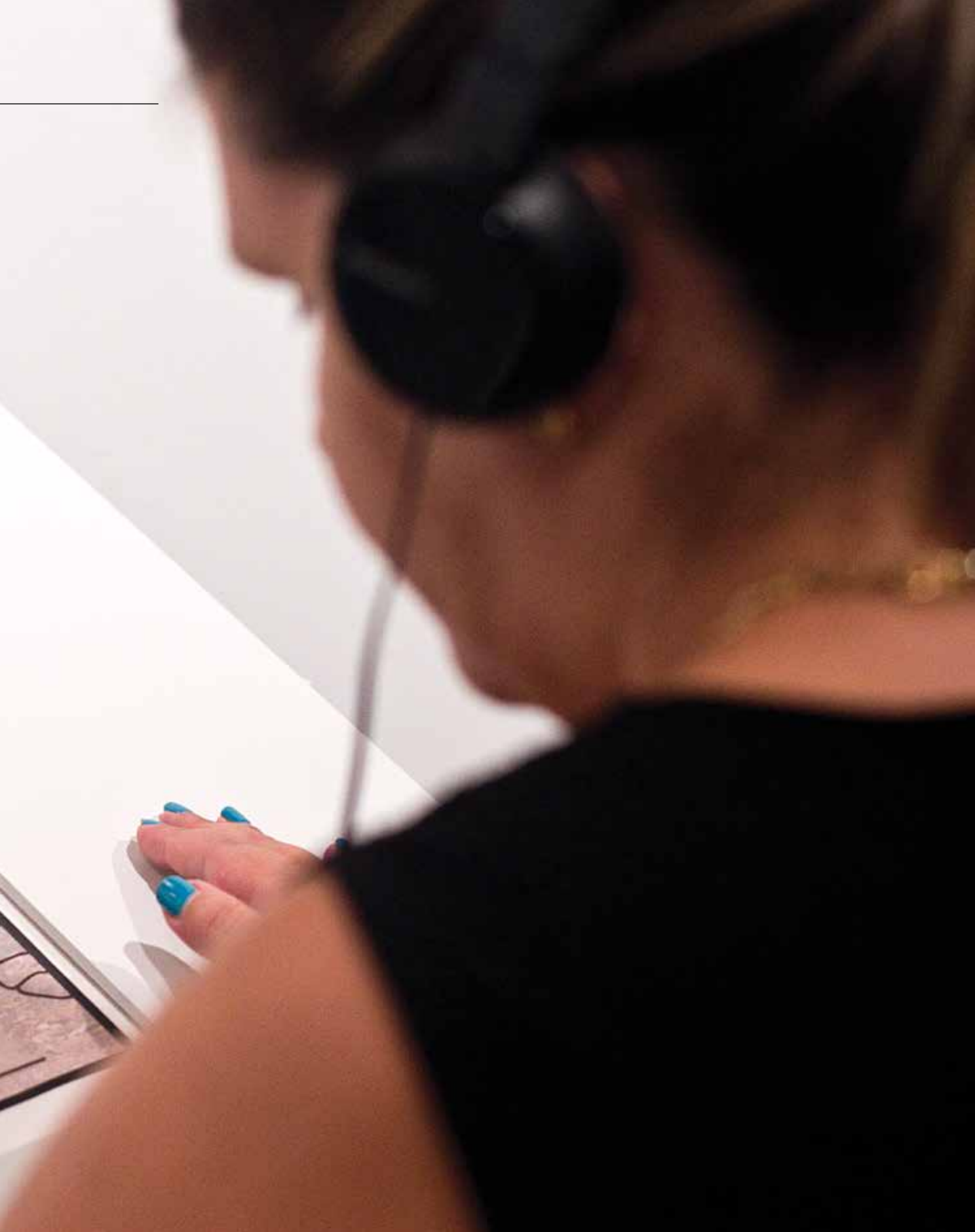
Grande Auditório
Domingo, 25 novembro, 19h

A fechar este ciclo, Pedro Teixeira dirige o Coro Gulbenkian num programa dedicado à Música Mariana da Idade de Ouro do *Cinquecento* Ibérico, com obras de compositores como Estêvão de Brito, nascido em Serpa e que se tornou mestre de capela em Badajoz e Málaga, e dos espanhóis Francisco Garro e Estêvão Lopes-Morago, o primeiro mestre de Capela em Lisboa e o segundo na Sé de Viseu.

Ambientes

Por **Márcia Lessa**

É através do tato e da audiodescrição que quem não vê pode visitar a exposição Ver com Outros Olhos *e descobrir as fotografias tiradas por outros cegos ou deficientes visuais.*



GULBENKIAN.PT

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa